

# ERER EM FOCO

*Espaço de ensaio e reflexão*

## A MATRIZ CULTURAL EUROPEIA E A ERER: FACES E INTERFACES



COM A PALAVRA, O ESPECIALISTA

SOBRE A HERANÇA PORTUGUESA NA FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO

DOENÇAS E PANDEMIAS NO BRASIL DESDE CABRAL: UM BREVE ENSAIO

A PRESENÇA EUROPEIA NO BRASIL: UM BREVE HISTÓRICO.

MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO: VALORIZANDO O ENCONTRO DE MÚLTIPLAS HISTÓRIAS E ORIGENS - ENTREVISTA

UM OLHAR DIALÉTICO CULTURAL DA INVASÃO EUROPEIA

A LÍNGUA PORTUGUESA DE PORTUGAL E DO BRASIL: UM BREVE PANORAMA

A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SUAS RELAÇÕES COM A CULTURA EUROPEIA

INFLUÊNCIA EUROPEIA NA CULTURA BRASILEIRA

HORA DE CAMBIAR: RECEITAS DA SRA. ROSALINA

COM A PALAVRA, A NOSSA DIRIGENTE



# ATENÇÃO QUERIDOS LEITORES



## TalkBack



O que é o TalkBack? (como ativar e desativar)

TalkBack é um recurso de acessibilidade que ajuda

<https://tecnoblog.net/247247/o-que-e-o-talkback/>

Caros leitores, vocês podem utilizar aplicativos gratuitos para deficientes visuais. Os celulares já possuem o TalkBack.



## BRINDES



### Link do Livrinho

[https://midiasstoragesec.blob.core.windows.net/001/2021/02/livro-maryam-a-luta-diria-de-uma-jovem-sria-dertaq\\_compressed.pdf](https://midiasstoragesec.blob.core.windows.net/001/2021/02/livro-maryam-a-luta-diria-de-uma-jovem-sria-dertaq_compressed.pdf)



### Link do Livrinho

<https://detaquaritinga.educacao.sp.gov.br/galerinha-da-erer-uma-linda-homenagem-ao-grande-mestre-ditchan/>



## NESTA EDIÇÃO

### NOTA DO EDITOR

No sentido de propiciar o fomento da temática transversal Educação para as Relações Étnico-Racial - ERER, o presente periódico, em sua Edição 3 *A matriz cultural europeia e a ERER: faces e interfaces*, aborda a questão da segunda matriz da formação cultural brasileira: a europeia. Dessa forma, os textos, além de tratar da pertinente temática, possibilitam ao leitor apreensões de objetos de conhecimento de diversas áreas e componentes curriculares em suas especificidades.

Todas as edições, inclusive esta, podem ser acessadas gratuitamente através do Link: <https://detaquaritinga.educacao.sp.gov.br/>.

*“Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar.”*

Trecho de Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire.

#### CORPO EDITORIAL

**Editores Responsáveis:** Vitor Hugo Pissaia e Gláucia Bertelli dos Reis.

**Layout e Divulgação:** Vitor Hugo Pissaia e Cláudio Luiz Pereira (NIT).

**Informação e Tecnologia:** Cláudio Luiz Pereira, Fernando Barroso Sanches e Moisés Rússia Nelson Romano.

**Revisão de Textos:** Vergínia Cristina Jordão, e Alessandra Mireli Lopes.

**Revisão de Links e PODCAST:** Zilda Cristina Alves e Breno Gabriel Rebecchi.

**Revisão de Imagens – Domínio Público:** Vitor Hugo Pissaia.

**Articuladores:** Ed. Infantil e Anos Iniciais - Ana Paula Nunes de Mendonça da Silva, Área de Ciências Humanas - Vitor Hugo Pissaia e Gustavo Gibertoni Anselmo; Área de Tecnologia Educacional: Camilla Ruiz Manaia; Área de Ciências da Natureza - Rogério Tadeu Fernandes e Laís Helena Martinelli, Área de Matemática - Adriana Maria Nardocci de Souza Lima e Aparecida Patrícia Roberto Marchioni, Área de Linguagens - Fábio Aparecido Arnoni, Fátima Bevilacqua Juliani, Paulo Roberto Pedrassolli Júnior, Ronaldo Cesar Alexandre Formici e Vergínia Cristina Jordão, Educação Especial, - Zilda Cristina Alves, INOVA - Rozemeire Rodrigues, Escola da Família - Abdol Magid Hussein Jenani, Sandra Luciana Oliani Branco - CONVIVA.

**Diretora do NPE:** Alessandra Luiza Bochio.

**Supervisão:** Carlos Benedito Gabriel, Chelsea Maria de Campos Martins, Dejanir Storniolo Júnior, Dulcinéia Conceição Ligeiro, Fabiana Fiod C. Manginelli, Gláucia Bertelli do Reis, Marise Alice P. L. Bonfim dos Santos, Paulo César Cedran e Roseli T. P. de Oliveira Godoy.

**Dirigente Regional de Ensino:** Maristela Gallo.

Com a palavra, o Especialista: Formando povos mestiços: breves reflexões obre a ideia de miscibilidade portuguesa entre intelectuais brasileiros e estrangeiros - Prof. Dr. Flávio Raimundo Giarola

04

Sobre a herança portuguesa na formação do povo brasileiro - Renan Guilherme Gouvea

06

Doenças e pandemias no Brasil desde Cabral: um breve ensaio - Laís Helena Martinelli e Rogério Tadeu Fernandes.

08

A presença europeia no Brasil: um breve histórico - Alexandra de Paula Santos

10

Museu da Imigração do Estado de São Paulo: valorizando o encontro de múltiplas histórias e origens - Entrevista

12

Um olhar dialético cultural da invasão europeia - Gláucia Bertelli dos Reis

14

A Língua Portuguesa de Portugal e do Brasil: um breve panorama - Fabiana Bonfim dos Santos

16

A Educação Física Escolar e suas relações com a cultura europeia - Mario Celso Corrêa Júnior e Patrícia Nobre

18

Influência Europeia na Cultura Brasileira - Fátima Bevilacqua Juliani

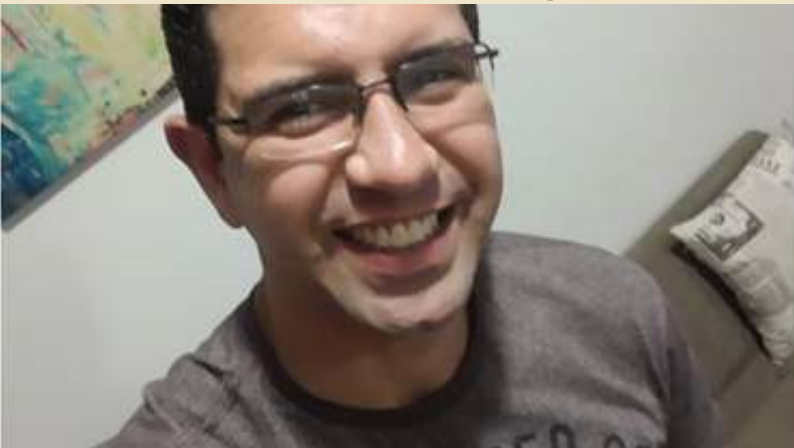
20

Hora de Cambiar: Receitas da Sra. Rosalina

22

Com a palavra, a nossa Dirigente - Profa. Dra. Maristela Galo

23



DE FLÁVIO RAIMUNDO GIAROLA\*



Fonte: Disponível em:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Desembarque\\_de\\_Pedro\\_%C3%81lvares\\_Cabral\\_em\\_Porto\\_Seguro\\_em\\_1500](https://pt.wikipedia.org/wiki/Desembarque_de_Pedro_%C3%81lvares_Cabral_em_Porto_Seguro_em_1500). Acesso em: 18/fev./2020.

## FORMANDO POVOS MISTIÇOS: BREVES REFLEXÕES SOBRE A IDEIA DE MISCIBILIDADE PORTUGUESA ENTRE INTELLECTUAIS BRASILEIROS E ESTRANGEIROS

Ponto central no debate educacional brasileiro nas últimas décadas, a questão das relações étnico-raciais no Brasil possui uma longa tradição na história intelectual de nosso país. Se hoje se busca ressaltar o protagonismo de negros e índios na formação da civilização brasileira, por muito tempo a discussão de vários intelectuais se centrou na questão da miscibilidade do português, ou seja, de sua propensão para se misturar com outros povos. Neste sentido, este breve artigo analisa alguns destes discursos que, por muito tempo, ajudaram a manter a falsa ideia de que a formação do povo brasileiro teria sido um empreendimento exclusivo do europeu. Entender este debate é essencial para que os professores, no âmbito da educação para as relações étnico-raciais, percebam as representações identitárias em sua construção histórica e possam levar tais questões para o ambiente escolar.

Em 1846, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) promoveu um concurso entre a intelectualidade do Império sobre como deveria ser pautada a discussão histórica no Brasil. O vencedor do concurso foi um estrangeiro, o alemão Karl von Martius (1794-1868), que defendeu a tese de que a chave para se compreender a história do Brasil estava no estudo do cruzamento das três raças que haviam formado sua população – a branca, a indígena e a negra (RAMOS; MAIO, 2010, p. 35).

Em seu texto, *"Como se deve escrever a história do Brasil (1845)"*, o autor propunha uma interpretação do país que partisse da análise da formação e constituição de seu povo, tendo a miscigenação como ponto central da argumentação. Segundo o autor;

*Jamais nos será permitido duvidar que a vontade da providência predestinou ao Brasil esta mescla. O sangue português em um poderoso rio deverá absorver os pequenos afluentes das raças índia e etiópica (MARTIUS, 1845, p. 408).*

\* Doutor em História e professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

A interpretação de von Martius talvez tenha sido a análise de um estrangeiro que mais profundamente influenciou intelectuais brasileiros que, posteriormente, tentaram solucionar os problemas decorrentes do paradoxo entre desenvolvimento da nação e população mestiça. Além de inaugurar o discurso de uma nação formada sobre uma tríade racial, o autor apontou para uma participação primordial do português colonizador neste processo, responsável por diluir o sangue dos outros dois grupos. O argumento de Martius se baseava nas inúmeras teorias raciais que, naquele período, defendiam a superioridade racial do europeu e a inferioridade das demais “raças”.

A participação do europeu na constituição do brasileiro ganhou novos contornos com Theófilo Braga (1843-1924), português que, em 1871, lançou a obra *Epopéias da Raça Mosárabe*, na qual defendia que o moçárabe era o resultado da “mistura” entre as “raças” góticas e árabes na faixa ocidental da Península Ibérica:

*Como indomável, o semita cede aquelas qualidades exteriores e visíveis de uma civilização que deslumbra, mas não comunica os sentimentos privativos e orgânicos da raça; por outro lado o godo, como ariano e atraente, não podendo homologar a alma árabe, adota dela aquilo que se não pode encobrir aos olhos. A designação do Moçárabe, encerra esta noção perfeitamente definida (BRAGA, 1871, pp. 25-26).*

O texto de Braga foi fundamental para que alguns autores brasileiros passassem a defender que no elemento português haveria uma maior propensão para a miscigenação, uma vez que as mesclas raciais teriam ocorrido primeiro na Península Ibérica. O mineiro Afonso Arinos (1868-1916) foi um dos primeiros a divulgar tal teoria no Brasil, em conferência proferida em Ouro Preto, no ano de 1895. Para o autor, a Península Ibérica tinha um passado mestiço, “formado com os elementos africano, gótico e latino, elaborado e robustecido em dez séculos de luta” (ARINOS, 1969, p. 625).

Apesar de não citar diretamente o nome de Braga, nem fazer alusão à sua terminologia, fica claro que Afonso Arinos havia tomado conhecimento destas ideias. Provavelmente, o que pretendia era dignificar ainda mais a “obra racial” construída pelos portugueses no Brasil, identificando-os como um povo que já sabia aproveitar-se dos benefícios das “mesclas raciais” antes das demais nações europeias. Teria sido, porém, na América, segundo Arinos, que o português, aliado principalmente ao indígena, se desenvolveu em toda sua plenitude:

*E uma nova raça, a africana, veio reunir-se aos dois elementos existentes indígena e conquistador, dando lugar a um formigamento, a um pululamento de células que se vão pouco a pouco agregando, organizando-se, para formarem os grandes povos americanos no futuro (ARINOS, 1969. p. 625).*

Foi, todavia, no pensamento de Gilberto Freyre (1900-1987), que esta teoria se popularizou para além dos círculos estritamente intelectuais brasileiros. O autor pernambucano defendeu que nenhum povo colonizador havia se misturado tanto com “mulheres de cor logo ao primeiro contato e multiplicando-se em filhos mestiços” (FREYRE, 2006, p.70) como ocorrera com os portugueses. Esta miscibilidade característica teria compensado, para o Império Português, a sua pequena população disponível para uma colonização em larga escala em áreas extensas.

Junto à miscibilidade, Freyre defendia ainda que entre os portugueses havia uma grande mobilidade, que permitiu a eles dominarem espaços, nos quais emprenhavam mulheres e faziam filhos, “uma atividade genésica que tanto tinha de violentamente instintiva da parte do indivíduo quanto de política, de calculada, de estimulada por evidentes razões econômicas e políticas da parte do Estado” (FREYRE, 2006, p.70). Freyre ainda adiciona a aclimatabilidade, ou seja, uma notável aptidão dos portugueses para se aclimatarem em regiões tropicais (FREYRE, 2006, p.73).

Em síntese, o pensamento de Freyre ampliava a discussão sobre o papel do colonizador português na formação do povo brasileiro, dando a ele o protagonismo na junção de povos diversos no território colonial. Visto como uma espécie de formador de gentes, a representação de Freyre sobre os portugueses abria caminho para a polêmica ideia da democracia racial, que marcou profundamente as críticas à obra do autor nas discussões futuras sobre o racismo no Brasil.

Uma interpretação mais recente sobre a participação do português na formação da civilização brasileira pode ser encontrada no pensamento do antropólogo Darcy Ribeiro (1922-1997). Em 1970, no livro *As Américas e a Civilização*, Ribeiro havia defendido que os povos americanos se constituíram “pela confluência de contingentes profundamente díspares em suas características raciais, culturais e linguísticas, como um subproduto de projetos coloniais europeus” (RIBEIRO, 1983, p. 92). Segundo o autor, a reunião de negros, brancos e índios para abrir grandes plantações de produtos tropicais ou para a exploração mineira, visando atender aos mercados europeus e gerar lucros, acabou por formar povos profundamente diferenciados de si mesmos e de todas as outras matrizes formadoras (RIBEIRO, 1983, p. 92).

Com relação aos portugueses, o antropólogo concordava, em parte, com Gilberto Freyre, no livro *O Povo Brasileiro* (1995), ao citar a propensão dos povos ibéricos em se misturarem racialmente com outros povos. Entretanto, Ribeiro afastava-se do intelectual pernambucano ao afirmar que, no mundo inteiro, onde quer que o europeu tenha se deparado com gente de cor, em ausência de mulheres brancas, ocorreu um intercuro sexual inter-racial. Ou seja, para o autor a miscibilidade não se tratava de uma particularidade portuguesa. Por outro lado, Ribeiro aceitava que os povos iberos desembarcavam sempre desabusados, acesos e atentos aos mundos novos, querendo fluí-los, recriá-los, convertê-los e mesclar-se racialmente com eles: “multiplicaram-se, em conseqüência, prodigiosamente, fecundando ventres nativos e criando novos gêneros humanos” (RIBEIRO, 2006, p. 60). Assim, segundo o autor, em todo lugar onde povos racialmente diferenciados entraram em contato, gerou-se uma camada mestiça maior ou menor.

Em suma, para Ribeiro, no Brasil, a mistura entre os três povos teve um promotor, as classes dominantes, que teria empreendido tal feito na busca incessante pelo lucro. Com isso, esse grupo de indivíduos é visto por Ribeiro como fazedores de gente, com uma prodigiosa capacidade de recrutar, desfazer e reformar pessoas, aos milhões. Isso ocorreu no seio de um empreendimento econômico secular, cujo objetivo estava longe de ser criar um povo autônomo, mas cujo resultado principal foi fazer surgir como entidade étnica e configuração cultural, um povo novo, ao destribalizar índios, desafrikanizar negros e deseuropeizar brancos.

Entender tais discursos sobre o papel do português na formação do povo brasileiro é essencial para qualquer debate sobre relações étnico-raciais que ocorram no ambiente escolar. Tais representações, saídas dos círculos intelectuais, penetraram profundamente no imaginário nacional, impondo visões que, desde Martius, tem dado ao português um papel de direcionador do processo de formação do povo brasileiro. Olhar estas representações de forma crítica, ponderando seus pontos positivos e negativos, é a grande missão que deve se propor o educador.



Fonte: Wikipedia. Carl Friedrich Philipp von Martius.



Fonte: Wikipedia. Gilberto Freyre.



Fonte: Wikipedia. Darcy Ribeiro.

#### Bibliografia:

ARINOS, Afonso. *Notas do dia*. IN: Obra completa. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

BRAGA, Teófilo. *Epopéia da Raça Moçárabe*. Porto: Imprensa Portuguesa Editora, 1871.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006.

MARTIUS, Karl von. *Como se deve escrever a história do Brasil*. Revista do IHGB. Rio de Janeiro, vol. 24, 1845.

RAMOS, Jair de Souza; MAIO, Marcos Chor. *Entre a riqueza natural, a pobreza humana e os imperativos da civilização, inventa-se a investigação do povo brasileiro*. IN: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs.). *Raça como questão: história, ciência e identidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010.

RIBEIRO, Darcy. *As Américas e a Civilização: Formação histórica e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos*. Petrópolis: Vozes, 1983.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.



# RENAN GUILHERME GOUVEIA \* SOBRE A HERANÇA PORTUGUESA NA FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO

A imensa diversidade cultural existente no Brasil é notória (diversos ritmos musicais, sotaques etc.), assim como é notória a presença de uma unidade, sem a qual nenhuma nação se forma e mantém certa estabilidade. Em quase todo o território brasileiro há a marca dos povos formadores que permitiram a construção dessa identidade. Índios, portugueses e africanos, povos diferentes que passaram a ter contato contínuo e direto em nosso território, deram origem a um povo único e, ao mesmo tempo, diverso: o povo brasileiro. Desses povos formadores (que devem ser igualmente valorizados e estudados com muita atenção), sem dúvida a cultura portuguesa é a mais influente em nossas raízes. Essa predominância portuguesa está clara na forma como se edificaram as relações de trabalho, a língua, a religiosidade, as definições de propriedade, a organização econômica, a forma de ocupar o solo e outras características do povo brasileiro, como a ausência de orgulho de raça, a ausência de uma “ética do trabalho” e o fato de muitos brasileiros se considerarem receptivos, hospitaleiros e generosos.

Com base em obras como “Raízes do Brasil”, de Sérgio Buarque de Holanda, “Formação do Brasil Contemporâneo”, de Caio Prado Júnior, e “O povo brasileiro”, de Darcy Ribeiro, foram elaboradas, na Escola Estadual Valentim Gentil de Itápolis, entre 2014 e 2020, aulas de sociologia que possibilitaram aos alunos o entendimento de como se deu a formação do povo brasileiro, a reelaboração das identidades desses diferentes povos (o que culminou na formação de nossa identidade unificada e, ao mesmo tempo, diversa) e as tensões existentes nessa formação. Tais aulas tiveram como grande objetivo desenvolver as habilidades previstas na matriz curricular paulista, como “refletir sobre a questão da diversidade nacional de forma crítica, distinguir emigração e imigração e identificá-los como elementos constitutivos da diversidade nacional, compreender e operar com os conceitos de assimilação e aculturação e sensibilizar-se em relação às tensões que ocorreram na formação da diversidade brasileira”. Vale citar que, ao longo de 2020, foram necessárias adaptações para desenvolver tais habilidades e conteúdos à distância. Para isso, por exemplo, foram elaboradas uma breve videoaula, que aborda o tema da formação da unidade e da diversidade do povo brasileiro (aula divulgada no canal do YouTube “Professor Renan Gouveia”), e uma atividade que foi divulgada aos alunos via WhatsApp, aplicativo onde também se estabeleceu um diálogo a respeito do tema.



Fonte: Fundação da Cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon1463216/icon1463216.html](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1463216/icon1463216.html).



Fonte: Debret, Jean-Baptiste (desenhista), 1768-1848

Ao ministrar essas aulas, foi possível notar a manifestação da curiosidade dos alunos acerca de suas raízes e o quanto eles ficaram surpresos ao perceberem que todos nós brasileiros temos algumas características em comum, apesar das diversidades. Em relação à matriz europeia portuguesa, primeiramente foi de grande impacto a análise sobre a tentativa dos europeus de implantarem sua cultura em nosso território. Sobre isso, o sociólogo Sérgio Buarque de Holanda disse que “a tentativa de implantação de cultura europeia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em consequências” (Holanda, 1995 p. 31). Em seguida, surgiu um debate após a citação de uma das características lusitanas herdadas: a ausência do orgulho de raça. Alunos, então, questionaram: mas não existiu racismo no Brasil? Tal questionamento nos levou a uma breve análise do mito da democracia racial, muito presente na obra do sociólogo Gilberto Freyre.

Ficou claro que a mestiçagem era uma característica de Portugal antes mesmo da colonização do Brasil e que, por conta disso, a miscigenação se tornou uma marca de nosso povo, possibilitando grande incorporação de elementos culturais de outros povos, mas que isso não impediu o desenvolvimento do racismo (a partir do século XIX) e nem as desigualdades sociais, explorações e violências provenientes da forma de proceder dos portugueses em relação a indígenas e negros.

Outra herança portuguesa que gerou ampla reflexão foi a ausência de uma ética do trabalho, o que explica o fato de muitas pessoas valorizarem mais os diplomas do que o metódico trabalho intelectual, levando muitos, inclusive, a se formarem em uma determinada área e trabalharem em área diferente da sua formação. A abordagem dessa característica abriu espaço para uma reflexão acerca do projeto de vida dos alunos que, para ser bem-sucedido, necessita da busca por essa ética do trabalho. Por fim, é importante também ser destacado o interesse dos alunos por dialogarem sobre a característica da cordialidade, muito ligada ao pessoalismo nas relações, herança que levou o povo brasileiro a buscar amizades nas mais diversas esferas da vida, que leva, por exemplo, o aluno a se tornar amigo do professor e o cliente a se tornar amigo do vendedor.

É claro que os traços portugueses foram perdendo influência à medida em que outros povos (de origem europeia ou não) foram chegando ao Brasil e se estabelecendo, à medida em que o capitalismo avançou e a globalização se intensificou, já que toda cultura é dinâmica. Porém, dialeticamente, a cultura também tem seus pontos de estabilidade (ela não muda tudo o tempo todo) e ainda é possível perceber os traços culturais dos portugueses e dos demais povos formadores no povo brasileiro. Por isso, se fazem necessários o estudo sistemático e a reflexão profunda acerca dos povos formadores da nação, pois da mesma forma em que nossa biografia está diretamente ligada à história dos nossos antepassados, nossa pátria não pode ser compreendida separada daqueles que a formaram, especialmente da pátria que a concebeu.

\* Técnico em música pela Escola Municipal de Ensino Artístico de Itápolis, graduado em Ciências Sociais pela Universidade Metropolitana de Santos e aluno do Curso Online de Filosofia do professor e filósofo Olavo de Carvalho. Renan atua como professor na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo desde 2013, sendo efetivo em Sociologia desde 2014 na Escola Estadual Valentim Gentil de Itápolis.



#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

PRADO Jr., Caio Prado Jr. *Sentido da Colonização In: Formação do Brasil Contemporâneo*. 23 ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

HOLANDA, Sergio Buarque. *Fronteiras da Europa In: Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.



## Doenças e pandemias no Brasil desde Cabral: um breve ensaio

Com os PCNP - Ciências da natureza, Laís Helena Martinelli e Rogério Tadeu Fernandes.

Quando nos deparamos com pandemias, como a COVID 19, além de buscarmos a erradicação, muitos aspectos nos fazem refletir, como: Ocorreram em nossa história outras pandemias e doenças que dizimaram em massa seres humanos? Com a Globalização, a fluidez dos fluxos de pessoas relacionado ao avanço tecnológico dos meios de transportes, em tese, propiciam que doenças atinjam uma dimensão sem precedente. Nesse contexto, em outros momentos da história do Brasil, dos quais as tecnologias de transportes eram rudimentares, esse fenômeno de dizimação de pessoas por doenças contagiosas ocorreu em pequenas intensidades?

Tais questões compõem um espaço rico de estudos e importante reflexões, no sentido de compreender esses fenômenos num contexto amplo como o cenário construído historicamente no Brasil a partir da colonização portuguesa, das invasões estrangeiras (francesa e holandesa) e da imigração em massa entre o final do século XIX e início do século XX.

Nesse sentido, o objetivo central desse texto é promover uma reflexão de doenças contagiosas que fizeram parte da nossa história desde que Cabral aqui aportou. Tal delimitação da análise, está relacionada a um processo de dominação colonial em que os nativos sofreram consequências que transcenderam a dominação territorial, cultural, exploração de riquezas e mão de obra etc, na medida em que, segundo estudos, tínhamos aproximadamente entre 3,5 e 5 milhões de indígenas no Brasil em 1500 e hoje, 200 mil indígenas.

Segundo o professor de antropologia Carlos José Santos, da Universidade Estadual de Santa Cruz, o impacto devastador de doenças trazidas pelos europeus ao Brasil entre os índios largamente conhecido. Além da baixa imunidade, os hábitos coletivos e a falta de tratamentos tornavam a população nativa especialmente vulneráveis.

De acordo com Andrea Longo, “Acredita-se, pela maior parte da sociedade, que o fator biológico, a que se refere a imunidade, seja o principal vetor da vulnerabilidade dos povos indígenas perante a COVID-19”. Através de estudos os povos indígenas por viverem em comunidade, terem o hábito de compartilhar objetos (cuias e tigelas) e por não terem acessibilidade que atendam à demanda dos órgãos de saúde, são mais propícios a terem a doença, pois acabam se contaminando facilmente pelos vírus, pois não sendo imunes, desenvolvem a doença de forma rápida entre as aldeias.

O contato que se seguiu ao homem branco, segundo alguns historiadores, teria dizimado cerca de 95% da população indígena brasileira, uma vez que, isolados durante milhares de anos, os indígenas não desenvolveram imunidade diante de vírus e bactérias oriundos de outros continentes. E, portanto, no contato com o colonizador, a deficiência de resposta imune Th2 para micro-organismos causou verdadeiras tragédias entre os brasilíndios, que sucumbiam por gripes, sarampo, disenterias e, principalmente, varíola, doença que chegou à Europa trazida pelos sarracenos, deixando um rastro de morte por onde passou na Idade Média.



A catapora, palavra tupi que significa “fogo que salta”, um sugestivo termo, possivelmente originado durante as grandes epidemias coloniais, que traduz o sintoma apresentado pelos brasilíndios. De acordo com a médica e pesquisadora Cristina Brandt Friedrich Martin Gurgel, entre 1563 e 1564, os nativos morreram aos milhares da doença – 30 mil em três meses.

A pesquisadora ainda explica que os índios tinham suas doenças próprias, como o pian, a leishmaniose cutânea, a doença de Chagas e a malária na forma mais branda, combatendo-as por meio de ritos e plantas da flora local. Eles tinham um conhecimento milenar dessa flora medicinal e isto acabou sendo passado para os colonizadores, em especial os jesuítas, que deixaram por escrito uma coleção de receitas elegantemente referendadas na qual eles diziam que foram os indígenas que nos ensinaram a usar tal planta. As reais dimensões da mortalidade nativa após o descobrimento talvez jamais sejam conhecidas, já que a literatura especializada discute índices diferentes, que variam em milhões. Foi a varíola que aniquilou os nativos, e não o poder das armas de fogo trazidas pelos colonizadores, disse Cristina.

Nesse sentido, distante de aprofundar os aspectos abordados, esse texto, convida os educadores e educandos a conhecer de forma mais contextualizada e interdisciplinar acerca da temática que dialoga entre a atual conjuntura e a própria história do Brasil que foram dizimados os indígenas, principalmente, os seres humanos em condições de maior vulnerabilidade e fragilidade social.

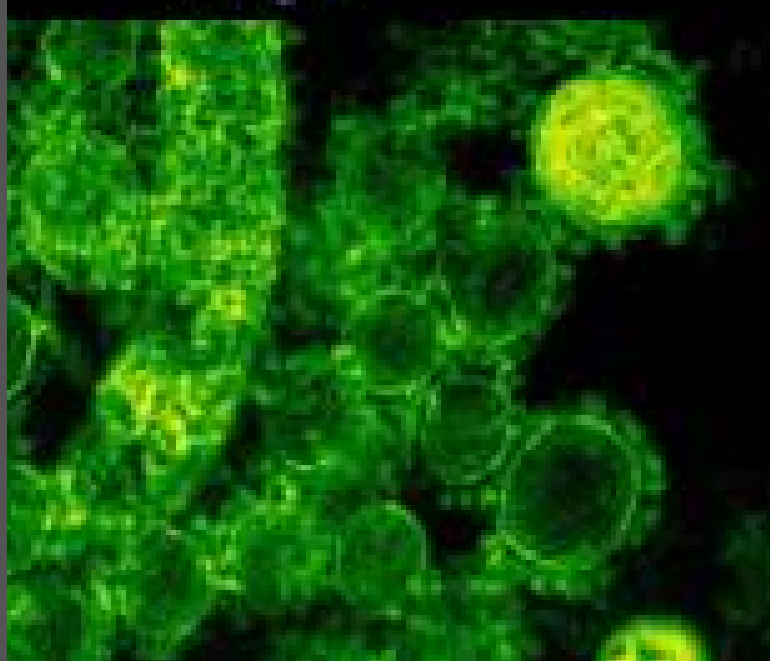
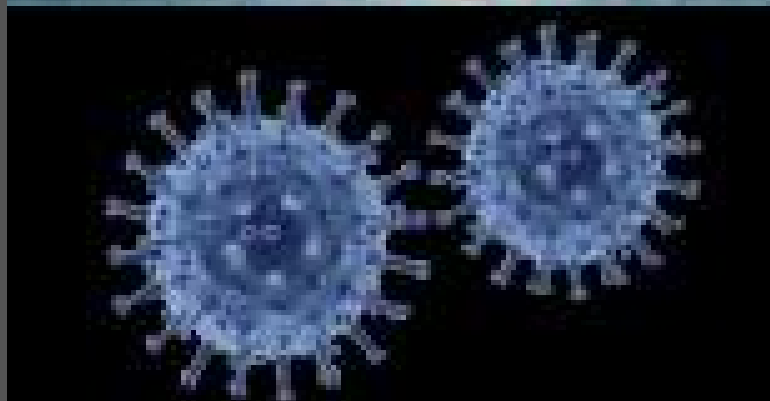
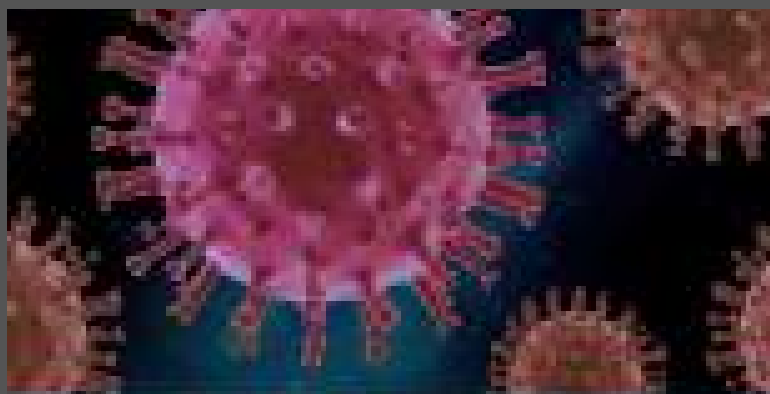
Portanto, a partir desse conhecimento, refletir de forma crítica e, assim, poder atuar de forma protagonista na sua escola e no entorno do qual está inserido.

#### REFERÊNCIAS:

Neiva de, Leonardo. *Como colonizadores infectaram milhares de índios no Brasil com presentes e promessas falsas*. BBC News Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53452614>. Acesso em 23 fev. 2021.

Gurgel, Cristina. *Doenças e curas: o Brasil nos primeiros séculos*. Disponível em: [https://www.unicamp.br/unicamp\\_hoje/ju/abril2011/ju490\\_pag03.php](https://www.unicamp.br/unicamp_hoje/ju/abril2011/ju490_pag03.php). Acesso em 23 fev. 2021.

Longo, Andrea. *População Indígena x Coronavírus – Entenda como a COVID-19 afeta populações indígenas no Brasil*. Disponível em: <https://www.valeverdessa.com.br/populacao-indigena-x-coronavirus/>. Acesso em 23 fev. 2021.



# A PRESENÇA EUROPEIA NO BRASIL: UM BREVE HISTÓRICO



*Por Alexandra de Paula Santos\**

O início da imigração europeia se deu com chegada dos portugueses em 1530, para introduzir o cultivo da cana-de-açúcar. Antes da chegada dos portugueses é importante destacar que o território já contava com uma população indígena de cerca de 5 milhões de habitantes. Sem esquecer os africanos que foram trazidos a força em meados do século XVI.

No ano de 1555, os franceses chegaram e fundaram a França Antártica na Baía de Guanabara (atual Rio de Janeiro), construindo uma sociedade com influência do protestantismo, visto que, no século XVI, milhares de protestantes europeus fugiram da Europa para a América, devido à perseguição católica (Contrarreforma Religiosa).

A influência francesa na região foi tanta que os povos indígenas liderados pelos tamoios (tupinambás, tupiniquins, goitacás etc) aliaram-se aos franceses com o objetivo de derrotar e expulsar os colonizadores portugueses do litoral do Rio de Janeiro e São Paulo.

Após cinco anos de conflito, os portugueses em 1567 derrotaram e expulsaram os franceses da colônia portuguesa, ou melhor, da região sudeste, os quais foram para a região nordeste, mais precisamente para o Maranhão, fundando a atual capital São Luís em 1612, sendo chamada de França Equinocial, de onde também foram expulsos, sendo obrigados a se deslocarem para a região das Guianas, fundando, em 1615, a colônia da Guiana Francesa.

Já os holandeses permaneceram no Brasil de 1630 a 1654. Desde o início do século XVII, os holandeses tinham como objetivos, primeiramente, conquistar Salvador (Bahia), promovendo um ataque fracassado, em 1624, e depois, o alvo de ataque passou a ser Pernambuco, região com mais de 100 engenhos e de grande produção de açúcar do Brasil, conseguindo facilmente conquistar Olinda e Recife e, entre 1630 e 1637, expandiram sua colônia para outras regiões do nordeste como Paraíba e Sergipe.

A proibição do tráfico de escravos em 1850, o desenvolvimento das lavouras de café e o preconceito racial, induziram a entrada de imigrantes europeus no país. Com as guerras de unificação na Itália (Risorgimento – 1848 /1870) e na Alemanha (1864-1871) são incentivados pelo governo brasileiro a trabalhar nos cafezais.

A imigração europeia no Brasil não foi homogênea para todas as regiões. Em São Paulo, por exemplo, foi implantado o sistema de parceria, onde o imigrante vinha trabalhar nas fazendas de café.

Os imigrantes que desejavam vir para o Brasil eram contratados pelos proprietários das fazendas que pagavam a passagem de navio, o deslocamento do porto até a fazenda e a hospedagem. Os imigrantes, desse modo, chegavam ao destino endividados, sem poder para se tornarem proprietários da sonhada terra. Vale ressaltar que os colonos não podiam abandonar a fazenda enquanto não pagassem o que deviam.

Já no sul do Brasil, a preocupação era povoar as grandes regiões desertas para resguardar a fronteira. Aplicando ali o sistema de colonato. Nesse sistema a vinda de imigrantes era assumida pelos governos provinciais (estaduais). Assim, o imigrante não vinha endividado. Recebiam uma remuneração mensal ou anual, podiam plantar alimentos para sua subsistência e estavam livres para deixar a propriedade.

\* Graduada em Estudos Sociais e História pela UNIARA e docente na rede pública estadual de ensino desde 2007.

## Suíços

A falta de terras na Suíça fez com que cerca de duas mil pessoas migrassem para o Brasil entre 1818 e 1819. Como a vinda foi negociada em Cantão de Friburgo (Suíça), a localidade onde eles permaneceram passou a se chamar Nova Friburgo, no Rio de Janeiro. Apesar das condições desfavoráveis, a imigração suíça continuou ao longo do século XIX e os colonos foram se estabelecendo pela região serrana do Rio de Janeiro e nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Espírito Santo e Bahia. Em Santa Catarina, várias famílias suíças povoaram a Colônia Francisca, atual Joinville, junto com os imigrantes alemães. Devido às más condições de vida e o tratamento de semiescravidão que recebiam, a imigração em grande quantidade de suíços foi proibida após a década de 1860.

## Alemães

Com a unificação aduaneira promovida no Império Alemão e o processo de Unificação Alemã, muitos camponeses perderam suas terras. Mesmo já existindo cidadãos de origem alemã no Brasil, o dia 25 de julho de 1824 é considerado o marco da imigração. Nesse dia, chegaram 39 imigrantes alemães à cidade de São Leopoldo/RS. Incentivados pelo governo brasileiro, eles se dirigiram especialmente para o sul e a região serrana do Rio de Janeiro, em busca de terras para o cultivo e, assim, reproduzir o estilo de vida de seus antepassados.

Os alemães estão presentes em quase todo o estado do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, principalmente nas cidades de Joinville, Blumenau e Pomerode.

## Italianos

A Península Itálica passou por várias batalhas até alcançar a Unificação Italiana sob o reinado do rei Vitor Manuel II (1820-1878), em 1870. A partir dessa década, começaram a chegar contingentes de italianos no Brasil e o fluxo só terminaria com a ascensão de Mussolini (1922). Desde o fim do tráfico de escravos, estimulava-se a vinda de italianos para o Brasil a fim de substituir os africanos escravizados. O governo brasileiro pagava a passagem dos imigrantes em navios a vapor, lhes prometia salários e casas, algo que não cumpria. Os estrangeiros receberam incentivos, como a propriedade da terra e cidadania. Foi assim que surgiram na região sul cidades como Caxias do Sul, Garibaldi e Bento Gonçalves.

A presença italiana sente-se especialmente em São Paulo pelos seus aspectos culturais e políticos. Foram os imigrantes italianos que se tornaram os primeiros trabalhadores das fábricas de São Paulo.

## Espanhóis

Foram o terceiro contingente de imigrantes no Brasil, em termos de número. Estima-se que entre 1880 e 1950 tenham entrado cerca de 700 mil espanhóis no país. Sendo que, 78% se dirigiram para São Paulo, com o objetivo de trabalhar nas lavouras de café e, mais tarde, nos laranjais; e o restante buscou grandes centros como Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

## Japoneses

A maior colônia de japoneses do mundo está localizada no Brasil. A imigração japonesa no Brasil tem como marco inicial a chegada do navio Kasato Maru, em Santos, no dia 18 de junho de 1908. Do porto de Kobe a embarcação trouxe, numa viagem de 52 dias, os 781 primeiros imigrantes vinculados ao acordo imigratório estabelecido entre Brasil e Japão, além de 12 passageiros independentes.

**11 | ERER EM FOCO**

## OS QUE VIERAM PARA O BRASIL

Até 1950, quase 4 milhões de novos brasileiros  
(Estatísticas da entrada de imigrantes no Brasil de 1870 a 1953)



Fonte: <https://www.todamateria.com.br/imigracao-no-brasil/>.

A vinda de imigrantes japoneses para o Brasil foi motivada por interesses dos dois países: o Brasil necessitava de mão-de-obra para trabalhar nas fazendas de café, principalmente em São Paulo e no norte do Paraná, e o Japão precisava aliviar a tensão social no país, causada por seu alto índice demográfico. Para conseguir isso, o governo japonês adotou uma política de emigração desde o princípio de sua modernização, iniciada na era Meiji (1868). Apesar de não serem favoráveis à imigração, em 1906, os governos do Japão e do Estado de São Paulo levaram adiante esse processo. Estabeleceram-se também no Paraná e Minas Gerais e inovaram as técnicas de cultivo conhecidas no Brasil.

## Oriente Médio

Devido às guerras e perseguições religiosas, chegaram ao Brasil muitos imigrantes originários da Síria, Líbano, Armênia e Turquia. A maior parte se dirigiu para São Paulo, mas é possível encontrar descendentes no Rio de Janeiro, Bahia e em Minas Gerais. Os sírios e libaneses eram pequenos agricultores na sua terra natal. Mas, devido ao modelo de latifúndio encontrado no Brasil, eles não encontraram terras disponíveis para ocuparem. Assim, dedicaram-se, em sua maioria, ao comércio como ambulantes e ficaram conhecidos como mascates. Com uma mala cheia de produtos, eles percorriam as grandes cidades e partiam para o interior do estado, acompanhando as linhas ferroviárias. Por serem oriundos do antigo e extinto Império Turco-Otomano, até hoje esses imigrantes são comumente chamados de "turcos" no Brasil.

O presente texto teve a intencionalidade de desenvolver alguns ensaios acerca do contexto histórico da imigração no Brasil após a abolição da escravidão em meados do século XX. Nesse contexto, tanto no Brasil, como nos países de origem dos imigrantes que vieram para cá, diversos foram os fatores que "incentivaram" esse contingente expressivo, bem como, vale indagar, da enorme importância e contribuição desses imigrantes para a nossa formação cultural e desenvolvimento social, econômico e político do Brasil.

### REFERÊNCIAS:

Bezerra, Juliana. *Imigração Japonesa no Brasil*. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/imigracao-japonesa/>. Acesso: 15/mar/2021.  
\_\_\_\_\_. *Imigração no Brasil*. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/imigracao-no-brasil/>. Acesso: 15/mar/2021.  
Ramos, Jefferson Evandro Machado. *História da Imigração no Brasil* - Resumo. Disponível em: <https://www.historiadobrasil.net/imigracao/>. Acesso: 15/mar/2021.



Divulgação Museu da Imigração



Imigrantes portugueses chegados ao Monte Sarmiento, em 17-2-38.

Acervo Museu da Imigração/APESP

## Museu da Imigração do Estado de São Paulo: valorizando o encontro de múltiplas histórias e origens.

Entrevista realizada pelo PCNP de História e Sociologia da DER Taquaritinga Vitor Hugo Pissaiá com a Angélica Beghini - Gestora do Núcleo de Pesquisa do Museu da Imigração..



Acervo Museu da Imigração/APESP

Angélica Beghini\*, gestora do Núcleo de Pesquisa do Museu da Imigração, em entrevista exclusiva ao periódico **ERER em foco: espaço de ensaio e reflexão** sobre o contexto histórico do Museu da Imigração, fala da importância social, étnico-cultural e educacional do MI para o resgate do passado e, também, para a valorização da diversidade cultural.

O periódico conversou com a gestora Angélica considerando também o momento em que estamos passando com a pandemia COVID19 e buscando informações acerca das ações na dimensão educacional para docentes e estudantes como, visitas, pesquisas, combate a intolerância, cursos, referências, projetos e programas, genealogia entre outros.

### 1º - Breve apresentação do Museu da Imigração, em especial da sua importância social, para a educação de alunos e docentes, bem como, da entrevistada Angélica Beghini, gestora do Núcleo de Pesquisa do MI.

O Museu da Imigração funciona onde foi a antiga Hospedaria de Imigrantes do Brás, a qual fundada, no contexto pós-abolicionista, com a finalidade de atrair e recepcionar mão de obra europeia para as lavouras de café do interior do estado. O museu tem como objetivo trabalhar com esse patrimônio e seu acervo, documentação e reverberações. A atual gestão busca compreender o período de funcionamento da Hospedaria em um contexto migratório amplo e dinâmico, que faz parte da história e, portanto, sempre existiu e sempre vai existir. Socialmente, é nosso papel pesquisar, preservar e comunicar esse patrimônio, lançando luz sobre os processos migratórios do passado e do presente, contribuindo para uma maior aproximação entre as duas realidades e ajudando a construir uma consciência social do público com relação às populações migrantes e ampliando o conhecimento sobre o tema.

### 2º - Em tempos de distanciamento social, em quais aspectos o MI teve que se ressignificar?

Com os períodos de fechamento do Museu, foi necessário repensar toda a programação e cronograma de atividades da área técnica do Museu, readaptando nossas ações para ambientes virtuais (como webnários, lives, cursos online e exposições virtuais), além de focar mais energia na escrita de artigos para o Blog do Museu, bem como parceria com outros pesquisadores.



Imigrantes no salão de matrículas

Acervo Museu da Imigração/APESP



Divulgação Museu da Imigração

### **3º - Quais as principais ações desenvolvidas pelo MI acerca de:**

#### **a) promover atendimento aos docentes e estudantes para o ensino aprendizagem?**

Realizamos oficinas para professores, visitas educativas para grupos escolas e projetos de atendimento extramuros com as escolas da região.

#### **b) promover o combate ao preconceito e intolerância em relação aos imigrantes?**

Através do conhecimento, da comunicação de nossas pesquisas e acervos, aproximando as experiências vividas pelos antepassados de descendentes de migrantes com os atuais migrantes e buscando sempre sensibilizar nosso público para as dificuldades do processo, bem como as conquistas e a riqueza da experiência da multiculturalidade. Isso se dá por meio de nossas exposições temporárias, textos publicados no Blog, rodas de conversa, seminários, visitas educativas etc.

#### **c) transcender a questão da imigração do final do século XIX e início do século XX, ou seja, abrangendo o período colonial e os mais recentes (ao longo do século XX e início do século XXI)?**

Atualmente possuímos uma frente que atua com força no diálogo com a temática das migrações contemporâneas, se aproximando das comunidades migrantes, produzindo conhecimento sobre o assunto, mas também abrindo o espaço do museu para ações dessas pessoas, como rodas de conversa, cursos, eventos etc.

### **4º - Quais os principais desafios do MI na atual conjuntura e nos próximos anos?**

Além das questões práticas relacionadas à pandemia e suas consequências socioeconômicas, é sempre um desafio promover a empatia com base no conhecimento, buscando combater a xenofobia, racismos e preconceitos – infelizmente crescentes num contexto internacional, desencadeados pela globalização e intensificação das movimentações de pessoas entre países de culturas diferentes.

### **5º - Dentre as principais ações MI, discorra sobre aquelas que tratam das origens dos antepassados, como, por exemplo, a ação SobreNomes.**

O Museu da Imigração possui uma extensa documentação referente entrada de migrantes na antiga Hospedaria de Imigrantes do Brás. Sendo uma frente do trabalho do Núcleo de Pesquisa, a história genealógica vem ganhando cada vez mais espaço nas ações do museu, como a realização de cursos sobre o tema, além do atendimento tanto via e-mail quanto em nosso Centro de Preservação, Pesquisa e Referência para o público que deseja realizar uma pesquisa sobre as origens de seus antepassados migrantes.

### **6º - Para concluirmos a entrevista, poderia disponibilizar sugestões de vídeos, links, materiais etc, que possam contribuir para as práticas pedagógicas nas escolas?**

Em nossas redes sociais publicamos muito material sobre o assunto, como as séries “O MI Indica” e “Desvendando Fotografias”, além de textos mais aprofundados sobre diversos assuntos relacionados à migração e seu patrimônio no Blog da instituição.



Acervo Museu da Imigração/APESP



Divulgação Museu da Imigração



Divulgação Museu da Imigração



Divulgação Museu da Imigração

*\*Angélica Beghini – atualmente é gestora do Núcleo de Pesquisa do Museu da Imigração. Bacharela e mestra em História Social pela USP, e doutoranda pelo mesmo programa de pós-graduação. É especialista em Gestão e Políticas Culturais pela Universidade de Girona/Observatório Itaú Cultural. Atua nas áreas de história da cultura e história social da arte, patrimônio, colecionismo e história das mulheres.*

#### **MUSEU DA IMIGRAÇÃO**

Rua Visconde de Parnaíba, 1.316

Mooça – São Paulo/SP

Fone: (11) 2692-1866

E-mail:

[museudaimigracao@museudaimigracao.org.br](mailto:museudaimigracao@museudaimigracao.org.br)

A estação de metrô mais próxima ao Museu da Imigração é a Bresser-Mooça.



Fonte: Ilustrado por Paola Saliby. <https://pt.babbel.com/pt/magazine/nheengatu-a-lingua-nao-tao-perdida-comum-dos-indios-dos-escravos-e-dos-jesuitas>

## UM OLHAR DIALÉTICO CULTURAL DA INVASÃO EUROPEIA

POR GLÁUCIA BERTELLI DOS REIS\*

Começo este artigo convidando os leitores a fazer uma imersão no século XVI, momento da chegada dos primeiros europeus, que viriam a compor o tronco genealógico brasileiro.

Como vivia, como pensava, como sentia o português, o holandês, o francês que chegaram e fixaram moradia nessas terras? Para essa imersão me baseio na conferência realizada em São Paulo em 2/9/ 1949 na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, por Lucien Paul Victor Febvre, cofundador da linha historiográfica *Escola dos Annales*.

Convido a todos para esta viagem, com o objetivo de sairmos do lugar comum das reflexões sobre a invasão destas terras e ampliarmos nossa visão por meio da reflexão dialética. Todo invasor concomitantemente está sendo invadido, se refletirmos através da história cultural, história do cotidiano, do homem e de seus sentimentos, não apenas do ponto de vista da guerra, do território, do capital.

O europeu que aqui chegou tinha muitas coisas em comum com os habitantes autóctones desta terra que formaria a nação brasileira. Costumamos pensar as diferenças, as imposições do invasor, as doenças que eliminavam os indígenas; o que é fundamental, porém no dia a dia, é que

existiam também pontos semelhantes no como viviam. Vamos começar refletindo sobre o tempo. Os europeus do século XVI, assim com os indígenas que aqui viviam, tinham o tempo em um mundo suspenso, sem meios para medi-lo; viviam da observação, fundada unicamente em fatos concretos, como o nascer e pôr do sol, ou as estações do ano; ambos não tinham, nessa época, sentimento algum da passagem do tempo.

Nem um nem outro eram avarentos do seu tempo, conforme o somos hoje, como relata Lucien Febvre, quando fala sobre o homem do século XVI, em sua conferência; “Perdiam-no, sem remorso, desperdiçavam-no; consumiam capitais, verdadeiramente enormes, de tempo, em esculturas, arquiteturas, em joalherias extremamente meticulosas — e tudo isso representava dias e dias de trabalho”. Aqui também, os indígenas americanos dedicavam longos períodos de tempo para construção de artesanatos elaborados, para a longa e paciente espera na tocaia da caça.

O homem europeu do século XVI era camponês. Mesmo nas maiores cidades europeias, o estilo de vida rural era muito presente, nas ruas, em cercados, nos jardins e quintais; espalhavam-se bezerros e vacas, porcos e aves domésticas.

\* Licenciada em História pela UNESP. Pós graduada em Educomunicação pela ECA - USP. Pós graduada em História e Filosofia africana pela UnB.

A vida dos povos nativos também era ligada exclusivamente à terra, à natureza. Chamo a atenção para essas condições semelhantes de vida, pois estas não poderiam ser indiferentes a um historiador atento, que tem tendência a pensar na dualidade e frisar as diferenças nos processos históricos de dominação. Mas, há de se atentar às semelhanças.

Para evidenciar sobre a grande influência e muitas vezes até a dominação de determinados traços culturais e emocionais que o invasor sempre é vítima, e que o europeu que aqui se fixou o foi, podemos iniciar refletindo sobre o conceito de homem e educação, sobre o processo de ensino e aprendizagem, considerando o público-alvo desta publicação.

A Educação Integral, que garante o desenvolvimento dos estudantes (do ser humano) em todas as suas dimensões – intelectual, física, emocional, social e cultural, é a essência da nossa Lei de Diretrizes e Base da Educação e das legislações dos países de primeiro mundo; assim sendo quando realizamos análises históricas de qualidade temos que caminhar neste sentido, pois o homem integral é o sujeito da história, não apenas o viés físico material deste.

A identidade cultural de um país pode ser caracterizada por vários aspectos, porém o mais percebido e importante é o da língua (idioma predominante). A língua é o principal mecanismo de comunicação no convívio humano por possibilitar e direcionar as relações afetivas e ideológicas dentro de um grupo ou fora dele.

O Tupi, em sua forma original, até meados do século XVII, foi o idioma mais usado no território brasileiro, pois todos os europeus, que aqui se fixaram, aprenderam e falavam Tupi. Nas missões, os jesuítas catequizavam em Tupi até o século XVIII quando compilaram um dicionário, documentando o idioma, descartando as variações entre os dialetos, pois usaram referência a gramática da língua portuguesa, criando a Língua Geral também conhecida por Nheengatu (fala boa, em tupi), uma mistura de tupi, português e espanhol, que passou a ser o idioma mais falado na colônia, só deixando de ser usada no momento de ultranacionalismo Pombalino.



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Nheengatu>



Fonte: <https://pt.babel.com/pt/magazine/nheengatu-a-lingua-nao-tao-perdida-comum-dos-indios-dos-escravos-e-dos-jesuítas>

As reformas pombalinas proibiram o uso do tupi e do nheengatu. Marques de Pombal disse “Percebam estão perdendo território para os povos da terra” e criou uma política linguística conduzida para o Brasil colonial, culminando com a promulgação, em 1757, da lei do Diretório, documento jurídico com a finalidade de regulamentar as ações colonizadoras em terras brasileiras, obrigando a difusão e ensino da língua portuguesa. A atitude de Portugal em relação à questão linguística no Brasil colonial deixa evidente a estreita ligação entre língua e domínio e desta forma, se evidencia também como o português e demais europeus estavam, sem perceber, sendo invadidos e dominados pelos americanos de então. Antes de ser proibida, o Nheengatu ou Língua Geral, era a verdadeira língua falada na colônia o português estava restrito aos documentos oficiais.

A Língua Geral permaneceu para comunicação cotidiana entre colonizadores, indígenas, escravos e colonos de origem europeia como herança histórica material. Ainda há dicionários e gramáticas, orações e textos traduzidos por jesuítas; e, só para se ter uma ideia, existe mais de 10 mil vocábulos no português brasileiro que foram herdados da Língua Geral.

A língua de um povo é o que caracteriza de forma mais profunda a sua identidade, por meio da língua, é possível conhecer sua história, sua forma de falar e de sentir o mundo. A língua permite a transmissão de conhecimento, arte e cultura, por meio dela a pessoa se humaniza e socializa, adquirindo a experiência das gerações anteriores e aprendendo a viver e sobreviver em sociedade.

Como já dito, este artigo traz algumas informações no intuito de repensarmos a maneira como ensinamos o processo de invasão e dominação das terras e dos povos, em especial dos que vieram a se tornar a nação brasileira. Isso posto, é fácil perceber que o dominador é sempre também dominado. Como adentrar, conquistar novas terras, e se manter ileso? O clima, certamente, transformou o homem que aqui chegou, toda flora e fauna, e as palavras, a linguagem para descrever tudo isso começou imediatamente a influenciar no sentir, no agir, no viver daquele invasor.

Tantas mitologias nos mostram que, no início dos tempos, alguma coisa pôde nascer do nada, e propuseram como princípio criador do mundo, essa essência imaterial e soberana: a Palavra.

## REFERÊNCIAS

- Centro de Estudo e Pesquisa em Linguagem - [www.unemat.br/cepel](http://www.unemat.br/cepel)  
Enciclopédia das Línguas do Brasil - <http://www.labeurb.unicamp.br/elb/>  
FREITAS, Eduardo de. "Identidade cultural (língua e religião)"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/identidade-cultural-lingua-religiao.htm>. Acesso em 17 de março de 2021.  
HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Prefácio de Antonio Cândido, Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976.  
JUNG, Carl G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.  
SOUZA, Laura de Mello (org.) *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. v.1, São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

# A Língua Portuguesa de Portugal e do Brasil: um breve panorama

Por Fabiana Fiod Manginelli\*



\*Graduada em Letras Português/Inglês pela Faculdade São Luís. Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Itápolis. Professora da Rede Estadual desde 2005. Designada Supervisora de Ensino desde 2020.



Desembarque de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro, 1500; do pintor, desenhista e professor Oscar Pereira da Silva.

decadência do Império Romano, a língua latina influenciou e sofreu a influência de diversos idiomas e dialetos. Com o declínio e a fragmentação do Império (que deu origem posteriormente ao reino de Portugal) o latim também se fragmentou e originou as línguas românicas, ou neolatinas, entre elas, o Português.

Em 1500, a Língua Portuguesa atravessa o Atlântico e chega ao território brasileiro com os primeiros colonizadores vindos de Portugal. Porém, foi com o processo de colonização, iniciado efetivamente a partir de 1532, quando houve a implantação das capitanias hereditárias, que a Língua Portuguesa começa a misturar-se com outras línguas e, aos poucos adquirindo características particulares face ao português de Portugal.

Quando os portugueses desembarcaram na costa brasileira; estimava-se que havia aqui 1.200 povos indígenas, falantes de aproximadamente mil línguas diferentes. Além dessa diversidade étnica e linguística, foram trazidos, ainda, cerca de 4 milhões de africanos, de diversas culturas, para trabalharem como escravos. Alguns séculos depois, com a chegada dos imigrantes europeus, a língua assumiu características próprias, diferenciando-se do português de Portugal. Essa pluralidade linguístico-cultural, chamada também de multilinguismo, fortaleceu as bases da construção da identidade do português brasileiro.

O português do Brasil possui um vocabulário que se distancia do português de Portugal, por se tratar de um processo de formação e história diferentes, então. As formas oral e escrita de certas palavras são diferentes nos dois países, embora, com o “Novo Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa”, de 2008, a maioria das palavras tenham sido unificadas e eliminadas diferenças como director, acção e óptimo em Portugal para diretor, ação e ótimo, como já eram escritas no Brasil.





Fonte: <http://www.camaraportuguesa-rj.com.br/este-portugal-e-ja-outro-brasil/>

Fonte: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/bilinguismo-luso-brasileiro/3418>

De acordo com José Carlos de Azeredo (2008, p. 104), “A existência de duas ortografias oficiais da língua portuguesa, a lusitana e a brasileira, tem sido considerada como largamente prejudicial para a unidade intercontinental do português”. E então, a partir de uma iniciativa da Academia Brasileira de Letras em conjunto com a Academia das Ciências de Lisboa, com a intenção de diminuir essas diferenças, o primeiro acordo ortográfico foi aprovado em 1931. Sem muito sucesso nesse primeiro acordo, Azeredo (2008) pontua que em 1971, no Brasil, e em 1973, em Portugal foram aplicadas algumas leis que reduziram as divergências entre os dois sistemas. Como dito, reduziram, porém, ainda persistiram sérios desacordos. Dois anos mais tarde, em 1975, ambas as Academias, de Portugal e do Brasil, elaboraram um novo acordo, mas que não foi aprovado oficialmente. Segundo Azeredo (2008, p. 24), “Em outubro de 1990, em Lisboa, visando chegar a uma solução para o impasse, foi assinado um tratado internacional entre os países de língua portuguesa com a intenção de unificar a ortografia do português. Desde então, alguns ajustes foram feitos no acordo e novas regras foram adotadas, tendo sido, então, firmado um pacto efetivamente”.

As origens latinas ainda ecoam em nossa língua. As contribuições dos diversos idiomas com os quais o português entrou em contato são perceptíveis no nosso português pelo léxico, pela semântica, pragmática, e nos mais diversos aspectos linguísticos que se apresentam de forma tão característica em nossas variantes. O português arcaico, difundido em nossas terras com a colonização, subjuguou as línguas nativas e impôs-se como o idioma oficial. No entanto, apesar da preponderância cultural portuguesa, não foi imune às diversas influências aqui recebidas.

A língua portuguesa, atualmente, é o nono idioma mais falado no mundo, tendo no Brasil seu maior número de falantes, de acordo com publicação recente do IPOL (Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística), em seu site.

## REFERÊNCIAS:

- AZEREDO, José Carlos de. *Escrevendo pela nova ortografia*. 1 ed. Rio de Janeiro: Houaiss; Publifolha, 2008.
- BOAS, Cristiane Max Serra Vilas. HUNHOFF, Elizete Dall'Comune. *Um estudo sobre a origem da língua portuguesa: do latim à contemporaneidade, contexto poético e social*. Disponível em: <http://www.unemat.br/revistas/moinhos/media/files/>. Acesso em 22/mar./2021.
- Diagrama mostra as línguas mais faladas do mundo. IPOL (Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística), 2020. Disponível em: <http://ipol.org.br/diagrama-mostra-as-linguas-mais-faladas-no-mundo/?fbclid=IwAR07LJMN6ONc-Q59HMijDAe-lWJLmpCMEa04xJVu8FWQtTc5Xsa-CcGEu-w>. Acesso em: 05 mar. 2021.
- HAUY, Amíni Boainain. *Origem e Formação da Língua Portuguesa*. In: SPINA, Segismundo (org.). *História da Língua Portuguesa*. São Paulo: Ateliê Editorial. 2008, p. 22-33. MAIA, João Domingues. *Português*. São Paulo: Ática, 2000.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Para a história do português brasileiro: primeiros estudos*. São Paulo: USP, 2001.

# A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SUAS RELAÇÕES COM A CULTURA EUROPEIA



POR MÁRIO CELSO CORRÊA JÚNIOR <sup>1</sup> E PATRÍCIA NOBRE<sup>2</sup>

O componente curricular de Educação Física, da forma como conhecemos hoje, foi marcado por forte influência da cultura europeia, sendo que os exercícios físicos, alguns esportes ou até mesmo o tão simples par ou ímpar, podem nos dar uma pequena dimensão dessa relação.

Na Europa, em meados do século XIX, as aulas de Educação Física foram inseridas nas unidades escolares de maneira um pouco distinta do que encontramos hoje. Naquela época, eram ministradas em formato de ginástica e buscavam atender as demandas da sociedade capitalista, através de uma perspectiva voltada para disciplina, moralidade, rendimentos laborais, além de hábitos e cuidados higiênicos como escovar os dentes, lavar as mãos e até mesmo tomar banho (SOARES et al, 1992).

Nessa época, as aulas não eram desenvolvidas por professores da área como temos hoje, mas por instrutores do exército, contando com o apoio de médicos higienistas e pedagogos. Nesse cenário, era difundido na escola rígidos métodos militares de disciplina e hierarquia com o objetivo de aprimoramento físico dos alunos, que sendo fortalecidos pelos exercícios físicos estariam aptos a servir as indústrias, o exército e contribuir com a prosperidade da pátria (SOARES et al, 1992).

Já no início do século XX e, em território brasileiro, a Educação Física começava a surgir em alguns estados, dentre eles o Rio de Janeiro, porém através das ginásticas no ambiente escolar (BETTI, 1991). Demonstrando forte influência da cultura europeia, as aulas eram marcadas pela perspectiva higienista e militarista, com instrutores militares trabalhando conteúdos estritamente voltados para o desenvolvimento físico.

Com o passar dos anos, a Educação Física escolar foi ganhando espaço e uma nova configuração no cenário nacional, sendo que a partir da Lei de Diretrizes e Bases - LDB de 1996, foi estabelecida pela primeira vez como componente curricular da educação básica, sendo facultativa apenas para os cursos do período noturno (BRASIL, 1996). Já a Lei 10793/ 2003 alterou a LDB de 1996 e trouxe as seguintes facultatividades: I) alunos que cumpram jornada de trabalho igual ou superior a seis horas diárias; II) maiores de trinta anos; III) prestadores de serviço militar, ou que estejam submetidos à prática obrigatória de atividades físicas; IV) pessoas com problemas de saúde, amparadas pelo Decreto-Lei no 1.044, de 21 de outubro de 1969; V) que tenha filhos (BRASIL, 2003).]

Estes casos, em que a lei retira a presença das aulas, suscitam uma demanda por reflexão, uma vez que parecem ainda evidenciar uma vinculação da Educação Física exclusivamente com a vertente biológica e da aptidão física, muito influenciadas por suas raízes europeias, características estas já bastante criticadas pela área e com diversas propostas de ensino que caminham numa direção voltada para inclusão, democratização do ensino para todos e valorização da cultura corporal da comunidade ali presente de forma crítica e reflexiva (DARIDO, 2005).

Ainda nesse cenário de mudanças e com a entrada da Cultura Corporal, Cultura Física e a Cultura do Movimento, os conteúdos abraçaram importantes saberes para o desenvolvimento integral do aluno, passando a englobar novas temáticas, como: jogos e brincadeiras, danças, lutas e esportes, além das ginásticas.

Neste processo de integração, além do aprendizado proporcionado pelas práticas e por meio das vivências, os alunos precisam refletir sobre como essas temáticas se relacionam socialmente, quais são seus impactos, os valores envolvidos, as questões políticas e culturais, num processo integral do corpo e do mundo, instrumentalizando-os para usufruir desses saberes de maneira contextualizada e autônoma.

<sup>1</sup> Possui licenciatura e bacharelado em Educação Física com mestrado em Educação. Atualmente atua como Coordenador Pedagógico, professor de Educação Física e revisor de conteúdos no Centro de Mídias do Estado de São Paulo.

<sup>2</sup> Possui magistério e licenciatura em Educação Física. Atualmente atua como professora de Educação Básica I, professora de Educação Física e também ministra aulas do Projeto Inova.

Mesmo com todo esse cenário de mudanças e reconfigurações, ainda hoje é muito presente, nas aulas de Educação Física, a influência da matriz europeia, com atividades, exercícios, esportes, lutas, danças, jogos e brincadeiras oriundas do velho continente.

A imagem abaixo, presente na apostila de Educação Física do 6º ano, do currículo São Paulo Faz Escola, ilustra muito bem esse cenário. Intitulada de "Brincadeiras de crianças", ano de 1560, a obra, retratada pelo holandês Pieter Bruegel, e nos traz uma ideia do tamanho da influência europeia para os jogos e brincadeiras que temos até hoje em nossa sociedade.



Autor: Pieter Bruegel (1560)

Fazendo parte do acervo do Museu de Arte de Viena, na Áustria, o quadro, do artista europeu, simboliza adultos participando de inúmeras brincadeiras presentes, ainda hoje, nas aulas de Educação Física e no cotidiano dos alunos fora do ambiente escolar, tais como: pião, bambolê, esconde-esconde, cabo de guerra, pular corda, cabra-cega, entre outras. Nessa época, muitas brincadeiras surgiam da imitação de adultos, como o exemplo do cavalo de pau, usado para simular o meio de transporte presente entre eles.

Além dos exemplos já elencados, podemos notar a influência da matriz europeia em vários campos da Educação Física escolar, como será demonstrado a seguir.

### Esportes

A popularidade varia de acordo com a localidade e região geográfica, mas de maneira geral, o futebol é considerado o esporte mais popular do nosso país. Sua origem se remete ao continente europeu, mais especificamente a Inglaterra, final do século XIX, quando foram criadas as primeiras regras do jogo. Aos poucos, o futebol foi ganhando adeptos na elite inglesa e, com o tempo, foi se popularizando, alcançando outros países, ultrapassando fronteiras e chegando a outros continentes.

Dentre outros esportes praticados pelos brasileiros e que possuem alguma influência europeia, podemos citar o handebol, de origem alemã, e o tênis, criado na França.

### Lutas

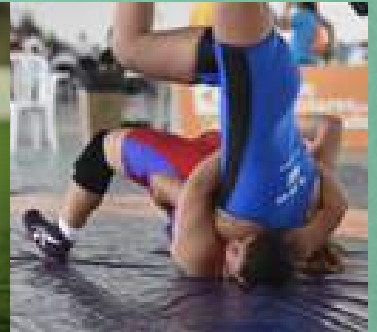
São esportes em que dois atletas tentam derrubar um ao outro no chão, sendo introduzidas, em seus primórdios, pelo povo grego.

Na Grécia antiga, a luta era parte importante dos Jogos Olímpicos e com o passar do tempo foi evoluindo e ganhando peculiaridades. Suas origens também estão ligadas aos combates corpo a corpo que aconteciam nas guerras.

Os lutadores precisam ter habilidade, força, rapidez e bom condicionamento físico, para suportar todos os esforços que são empregados nesta modalidade.



Fonte: PIXABAY. Futebol.



Fonte: <https://www.flickr.com/>. Luta Greco-romana.

### Danças

As danças brasileiras, de maneira geral, também sofreram forte influência da cultura europeia, além da africana e árabe, aliadas às manifestações oriundas do próprio país.

Um exemplo disso é o Bumba Meu Boi. Uma das danças brasileiras folclóricas mais famosas, ele mistura dança, música e teatro. Segundo alguns autores, a manifestação artística teve origem no continente europeu, já outros consideram que a dança sofreu influências africana e indígena. No Brasil, é tradição da região norte e região nordeste.

Além dessa dança, podemos citar os seguintes exemplos: Zook, de origem francesa com desenvolvimento na Europa e no Brasil; a Valsa, que possui origem europeia; o Forró, com influência direta das danças de salão europeias; o Xote, com raízes alemãs e o Fandango, que chegou à região sul do Brasil por volta de 1750, trazido pelos portugueses.



Fonte: PIXABAY. Dança Portuguesa



Fonte: PIXABAY. Valsa

### REFERÊNCIAS:

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. (LEI nº 9.393/96). Brasília, 1996.

BRASIL. *Lei n. 10.793, de 01 de dezembro de 2003*. Altera a redação do art. 26, parágrafo 3º, e art. 92 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 2 dez. 2003. Seção 1, p. 3.

Betti, Mauro. *Educação Física e Sociedade*. São Paulo: Movimento. 1991.

DARIDO, Suraya Cristina. *Os conteúdos na Educação Física Escolar*. In: DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade (Coord.) *Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 64-78.

SOARES, C. L. et al. *Metodologia de ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992. Site Educa Mais Brasil – Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/educacao-fisica/dancas-brasileiras>.

# INFLUÊNCIA EUROPEIA NA CULTURA BRASILEIRA



POR FÁTIMA BEVILÁQUA JULIANI  
PCNP ARTE

Para iniciar este texto, é salutar ressaltar que a formação cultural brasileira teve uma enorme contribuição de diversas etnias. Com relação à matriz cultural europeia, Porfírio explica que “a cultura europeia é uma das principais fornecedoras de elementos culturais para o Brasil. E, nesse contexto, os europeus foram numericamente os que mais migraram para o Brasil, trazendo inúmeros elementos e traços culturais populares como a culinária, festas, músicas e literatura, fundindo-os com outros elementos de outros povos, bem como elementos da cultura erudita, que implicava na “marca essencial das elites intelectuais e financeiras europeias”.

Sem a pretensão de aprofundar nas análises do processo histórico de fluxos migratórios, é essencial dizer que, desde 1500, a vinda de imigrantes europeus não se restringiu apenas aos da metrópole portuguesa, nação colonizadora, mas também a de outras grandes metrópoles europeias (holandeses, franceses e espanhóis), os quais deixaram suas marcas aqui; sem falar de outros momentos históricos pós-colonização e outras etnias.

No sentido de demonstrar algumas contribuições e influências dos colonizadores portugueses, seguem algumas ilustrações e exemplos:



Fonte: PIXABAY. Dança Quadrilha.



Fonte: Cavalhadas. <https://pirenopolis.tur.br/cultura/folclore/festa-do-divino/cavalhadas>



Fonte: <https://www.hypeness.com.br/1/2017/03/cordel.jpg>. Literatura de Cordel. Foto de Diego Dacal.



Fonte: PIXABAY. Talha Dourada.



- ▶ Língua Portuguesa;
- ▶ Religião Católica e tradições religiosas (festas e procissões);
- ▶ Carnaval e Festas Juninas;
- ▶ Folgedos Regionalistas: Cavalhadas, Bumba - meu - boi, Fandango, Farra de Boi, Quadrilhas;
- ▶ Folclore: Cuca, Bicho-papão, Lobisomem, Cantigas de Roda (Peixe Vivo, O cravo e a rosa, Roda Pião);
- ▶ Instrumentos musicais: piano, violino, flauta, clarineta, sanfona, violão, cavaquinho etc;
- ▶ Culinária: bacalhoadada, elementos que contribuíram para a feijoada, cachaça, introduziram a jaca e a manga etc;
- ▶ Introduziu grandes movimentos artísticos europeus: renascimento, maneirismo, barroco, rococó e neoclassicismo;
- ▶ Literatura, pintura, escultura, música, arquitetura e artes decorativas.

## Outras nações europeias influenciaram a cultura brasileira?

De acordo com Porfírio, além da expressiva imigração portuguesa, desde o período da colonização, diversos outros imigrantes europeus chegaram ao Brasil, principalmente durante o século XIX.

Italianos, espanhóis, alemães, holandeses, entre outros, vieram em busca de melhor qualidade de vida, explica Porfírio, os quais "acreditavam encontrar por terras brasileiras melhores oportunidades de trabalho e de vida", fixando-se em diversas áreas do Brasil, como, por exemplo, os suíços que se estabeleceram nas montanhas do Rio de Janeiro, os italianos que foram para a cidade de São Paulo e os alemães que se estabeleceram no sul do país.

### VAMOS VER ALGUNS EXEMPLOS?

#### ITALIANOS



Fonte: PIXABAY. Festival de Veneza.



Fonte: Festitália. Lira Circolo Italiano di Blumenau

- ▶ Formação de Colônias que viraram cidades;
- ▶ Festival de Veneza (Carnaval);
- ▶ Danças / Músicas Típicas italianas;
- ▶ Festas italianas: Festa no Juventus, de Nossa Senhora Achiropita, de São Vito, da Paróquia de Nossa Senhora de Casaluce (São Paulo), Festa Nacional da Uva de Caxias do Sul (RS), Festitália de Blumenau e de Incanto Trentino (Santa Catarina) e Festa Italiana de São Caetano do Sul;
- ▶ Culinária: panetone, macarrão, lasanha, risoto, arancino, ossobuco, tiramisú;
- ▶ Arquitetura: casas revestidas de madeira e de pedra com fachadas coloridas;
- ▶ Sociedades Esportes: clubes de futebol;
- ▶ Processo de diversificação agrícola e industrialização/urbanização.



Fonte: PIXABAY. Enxaimel.

#### ALEMÃES

- ▶ Processo de diversificação agrícola (suínos e trigo) e industrialização/urbanização.
- ▶ Formação de Colônias que viraram cidades;
- ▶ Difundi a religião protestante e a arquitetura germânica;
- ▶ Festas: Oktoberfest;
- ▶ Danças e Teatro.

#### FRANCESES

- ▶ No campo do pensamento e das ideias (iluministas);
- ▶ Nas artes, movimentos artísticos e as trocas culturais e sociais;
- ▶ Modelos de universidades públicas;
- ▶ Fundação da cidade São Luiz do Maranhão;
- ▶ Arquitetura.



Fonte: <https://www.publicdomainpictures.net/pt/index.php>.

- ▶ Processo de diversificação agrícola e industrialização/urbanização;
- ▶ Fundação de cidades;
- ▶ Culinária: vinhos, massas, o azeite e o churro;
- ▶ Cultivo do centeio e da alfafa.
- ▶ Trajes típicos (castanholas na mão e muito ritmo para encenar os passos da dança flamenca);
- ▶ Cinema, Teatro, Danças e Músicas.



Fonte: PIXABAY. Tourada - Influência no Rodeio.



Fonte: PIXABAY. Dança Espanhola.

#### HOLANDESES

- ▶ Fortes investimentos em infra-estrutura e edificações no "Brasil Holandês" (Nordeste);
- ▶ Fundação de Cidade (Recife) e de colônias que se transformaram em cidades (Holambra);
- ▶ Criação de Cooperativas Agropecuárias;
- ▶ Nassau estimulou as ciências e as artes, criou observatório astronômico e incentivou a pintura flamenga.



Fonte: PIXABAY. Moinho.



Fonte: PIXABAY. Holambra



Fonte: PIXABAY. Flores.

## ! MÃO NA MASSA !!! !

Convidamos você a acessar o link a seguir que sugere um ROTEIRO DE ESTUDOS do componente curricular Arte.



<https://www.escolaweb.educacao.al.gov.br/roteiro-de-estudo/folclore-cultura-popular-56391>

#### REFERÊNCIAS:

AIDAR, Laura. Flamenco. Toda Matéria, 2019. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/flamenco/>. Acesso em: 30/mar./2021.  
DAITALIACIDADANIA. A influência italiana na cultura brasileira. Disponível em: <https://www.daitaliacidadania.com/blog-posts/a-influencia-italiana-na-cultura-brasileira>. Acesso em 30/ mar./2021.  
IBGE. Brasil 500 anos. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/>. Acesso em: 30/mar./2021.  
PORFÍRIO, Francisco. "Cultura brasileira"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/cultura-brasileira.htm>. Acesso em: 30/ mar./2021.

## HORA DE CAMBIAR

# RECEITAS DA SRA. ROSALINA

(in memoriam)

A Senhora Rosalina dos Santos Bento, nascida em Sandomil, Portugal, viveu no Brasil 66 anos e guardou por muitos anos o livro de receitas de sua terra natal.

Com o intuito de proporcionarmos um intercâmbio cultural, neste caso, com a culinária portuguesa, nos reportaremos a algumas receitas da Sra. Rosalina, como os deliciosos biscoitos Esquecidos (broinhas); doces Filhoses e; doces Paivantes, bem como, o prato salgado, Bacalhau de Natal.



SRA. ROSALINA DOS SANTOS BENTO

## BISCOITOS ESQUECIDOS

60 unidades

### INGREDIENTES

- 06 ovos
- 1/2 Kg de açúcar
- 500 Kg de farinha de trigo
- 1 colher de sobremesa de fermento
- 1 litro de leite Tipo A

### MODO DE PREPARO

- Mistura muito bem os ovos com açúcar;
- Juntar a farinha com o fermento aos poucos;
- Colocar com uma colher de sopa em forma untada e polvilhada com farinha.

## FILHOSES

### INGREDIENTES

- 1 Kg de farinha
- 1 dúzia de ovos
- 1 xícara de azeite bem cheia
- 4 tabletes de fermento para pão.

### MODO DE PREPARO

- Dissolver o fermento em um pouco de açúcar;
- Misturar os outros ingredientes e amassar bem até formar bolhas e soltar totalmente das mãos;
- Deixar crescer, pegar um pedaço de massa, fazer uma bolinha, colocar num copo de água e quando subir, está crescida;
- Pegar pedaços de massa com a mão envolvida com azeite, esticar e fritar com óleo quente;
- Polvilhar açúcar misturado com canela.

## PAIVANTES

86 unidades

### INGREDIENTES

- 06 ovos
- 1/2 açúcar
- 1 xícara de azeite
- 1 xícara de leite
- 1 colher de sopa cheia de bicarbonato
- 2 colheres cheias de canela em pó
- 850 gramas de farinha de trigo
- 1/2 xícara de pinga

### MODO DE PREPARO

- Bater os ovos com açúcar, bicarbonato e canela em pó;
- Juntar o leite, o azeite e a pinga;
- Colocar farinha até o ponto de cair a colher.

## BACALHAU DO NATAL

### INGREDIENTES

- Bacalhau
- Alho
- Azeite
- Fubá
- Vinagre
- Salsa

### MODO DE PREPARO

- Cortar em quadrados médios o bacalhau e deixar de molho na água até tirar o sal;
- Passar em fubá e ovo batido nessa ordem e fritar;
- O óleo que sobrar da fritura colocar alho picado grande, salsa picada e vinagre;
- Jogar por cima do bacalhau já frito.



# Com a palavra, a nossa Dirigente

Por Maristela Gallo\*

E o nosso trabalho continua. Criatividade e respeito à temática ERER são expandidos a cada edição.

Pode-se dizer que um povo é definido não por sua demarcação territorial, mas sim por seu conjunto próprio de características que faz dele um grupo identitário único, completamente distinto de outros grupos. O Brasil é um dos países mais miscigenados do mundo, tornando-se inegável que o povo brasileiro é uma grande mistura, seja ela cultural, religiosa, e genética.

Ao longo da história, a sociedade brasileira se pautou sobretudo pela cor da pele, sem considerar que foi a união entre os diferentes biotipos humanos que gerou indivíduos que não eram completamente indígenas, brancos ou negros, no que se refere ao aspecto genético.

Atentos a importância desta realidade, nesta edição optamos por tratar da matriz europeia com suas diferentes contribuições nos diversos campos do conhecimento e da cultura.

Mas qual a importância de tratar da matriz europeia neste momento?

No segundo semestre do ano de 2020, a Diretoria de Ensino realizou uma pesquisa Étnico-Racial com a participação dos profissionais das Escolas Estaduais e da Diretoria de Ensino, com isso tivemos a participação dos servidores das mais diversas faixas etárias, diferentes cargos e funções na rede estadual de ensino, seja nas salas de aula ou nos ambientes administrativos visando compreender como esses profissionais se autodeclaravam quanto à sua cor de pele e etnia, bem como informações relacionadas sobre situações de preconceitos vivenciadas.

Os dados coletados demonstraram que a maioria dos profissionais, cerca de 85%, se autodeclararam de cor branca, e somente 15% dos profissionais se autodeclararam entre as demais opções: 12,1% parda, 2,7% preta, 0,3% amarela, 0,1% outra. À vista disso, pode-se constatar que um número reduzido de profissionais se autodeclararam de outras cores, inclusive, com 0% de autodeclaração para a etnia indígena.

O IBGE no ano de 2019 realizou uma pesquisa sobre a cor/raça da população brasileira com base na autodeclaração em nível nacional. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019, 42,7% dos brasileiros se auto declararam como brancos, 46,8% como pardos, 9,4% como pretos e 1,1% tanto como amarelos, como indígenas.

Ao comparar os percentuais da pesquisa nacional com a pesquisa da Diretoria de Ensino, pode-se notar uma grande diferença entre o cenário nacional e regional da Diretoria de Ensino, e com base nesses dados se faz necessário trazer a história da colonização do Brasil e muito mais discutir a nossa origem, a origem do povo brasileiro, que consegue ser singular por meio do seu caráter tão diferente.

Destaca-se que o processo imigratório europeu, em especial, de origem italiana, imigrantes que vieram para o trabalho nas lavouras de café são um expoente em nossa região.

Nesta edição da ERER EM FOCO, buscou-se trazer as características da nossa colonização, desde a chegada dos portugueses em contato com 5 milhões de indígenas que já existiam por aqui, as disputas territoriais com outros povos europeus, como os franceses e holandeses, a vinda de africanos, a vinda outros povos europeus, asiáticos para trabalhos nas lavouras a partir do início do capitalismo.

Conhecer e discutir é a uma forma segura de conscientizar. É respeitar o olhar do outro, conforme nos traz Leonardo Boff ao afirmar que a “cada ponto de vista é a vista de um ponto” complementado à sabedoria de José Saramago que nos alertou que “É preciso sair da ilha para ver a ilha. Não nos vemos se não saímos de nós” e mais ainda que “A pior cegueira é a mental, que faz que com que não reconheçamos o que temos a frente”.

É a intenção da ERER EM FOCO: promover por meio da reflexão rigorosa, papel da escola, para incorrer na expansão da consciência que “Não nos vemos se não saímos de nós”.

*\*Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1998). Mestrado em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007). Doutorado em Educação pela UNICAMP (2013). Docente em cursos de graduação e pós-graduação em Educação e Dirigente Regional de Ensino - Diretoria de Ensino - Região de Taquaritinga.*

# SE LIGA AÍ, MESTRE !!!

EXPOSIÇÃO PORTUGUESES NO MUNDO - 1415 A 1822

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

Acesse:  
<https://mhn.museus.gov.br/index.php/portuguese-s-no-mundo/>

ARTIGO

Dos Museus dos Descobrimentos às Exposições do Império: o Corpo Colonial em Portugal

Mariana Selister Gomes

Acesse:  
[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2019000300220&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2019000300220&script=sci_arttext)

MUSEU VIRTUAL LUSOFONIA



Acesse:  
<http://www.museuvirtualdalusofonia.com/>

ONG - FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO



Acesse:  
<https://fundar.org.br/>

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL



Acesse:  
<https://bndigital.bn.gov.br/>

Clube Holandês - Casa de Nassau



Acesse:  
<https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/espaco/1083/>

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA

Museu da Língua Portuguesa

Acesse:  
<https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/>

CASA FRANÇA-BRASIL



Casa França-Brasil

Acesse:  
<http://www.casafrancabrasil.rj.gov.br/>

ARTIGO  
PERRONE-MOYSÉS, L. Cinco séculos de presença francesa no Brasil: invasões, missões, irrupções.



Acesse:  
[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142013000300020](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142013000300020)



